



**GEMINIS**

[DOSSIÊ - TV PÓS DIGITAL]

# QUANDO A TV VAI ALÉM DA SALA DE ESTAR: POR UMA ANÁLISE CULTURAL DOS USOS DE NOVOS DISPOSITIVOS TECNOLÓGICOS

**CARLOS EDUARDO MARQUIONI**

*Professor do programa de pós-graduação em  
Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti  
do Paraná (UTP). Doutor (2012) e Mestre (2008) em  
Comunicação e Linguagens pela mesma instituição.  
É ainda membro do grupo de pesquisa Imagens,  
sentidos e regimes de interação/CNPQ da UTP.  
E-mail: cemarquioni@uol.com.br*

## RESUMO

Em um momento quando são frequentemente disponibilizadas atualizações das tecnologias da informação e comunicação, há risco de ser atribuída aos dispositivos tecnológicos per se a responsabilidade por transformações sociais: trata-se de simplificação que caracteriza determinismo tecnológico. O artigo apresenta a noção de cultura como alternativa para minimizar esse risco, utilizando uma propaganda de televisão conectada veiculada na TV brasileira como objeto empírico para exemplificar e analisar dois contextos em que novos dispositivos tecnológicos são apresentados como responsáveis por determinar mudanças no comportamento social (tanto afastamento quanto aproximação pessoal).

**Palavras-Chave:** Determinismo tecnológico, Televisão conectada, Cultura, Pós-modernidade.

---

## ABSTRACT

In a moment when the information and communication technologies are being frequently updated, there is a risk of considering the technological artifacts itself the cause of social transformations: this kind of simplification characterizes technological determinism. The paper presents the notion of culture as an alternative to minimize this risk, using a connected TV advertisement broadcasted in Brazilian television as empirical object to analyze two contexts on which technological devices are presented as responsible for changes in social behavior (both personal distance and personal approximation).

**Keywords:** Technological determinism, Connected television, Culture, Post-modernity.

## 1 – INTRODUÇÃO

Um dos principais riscos a que estão expostas as análises relacionadas ao uso de dispositivos tecnológicos é o de incorrer em determinismo tecnológico (particularmente quando abordado o uso desses aparatos enquanto mediadores do processo comunicacional em um momento quando há disponibilidade e acesso crescente de dispositivos que se conectam entre si e conectam pessoas). O conceito é associado a “abstrair as mudanças técnicas e tecnológicas e explicar de modo geral as mudanças sociais, econômicas e culturais como determinadas por estas mudanças” (WILLIAMS, 1983, p. 84). Uma vez em determinismo tecnológico, considera-se que as novas tecnologias “estabelecem as condições para a mudança social e o progresso [...] [e] são inventadas como se estivessem em uma esfera independente, a partir da qual são criadas novas sociedades ou novas condições humanas” (WILLIAMS, 2005, p. 5-6): a tecnologia “‘emerge’ de estudo técnico e experimentos [...] [e, como consequência,] muda a sociedade ou o setor no qual ela ‘surtiu’. ‘Nós’ nos adaptamos a ela” (WILLIAMS, 1983, p. 84).

Vale complementar que as simplificações relacionadas a um contexto de determinismo tecnológico trazem em si o risco de anacronismo, pois ao omitirem aspectos de ordem social, econômica ou cultural do processo de análise (privilegiando a técnica) aumenta a probabilidade de o contexto histórico que envolve o objeto analisado não ser considerado em toda sua complexidade. Desta forma, as análises tendem a ser executadas com os aparatos *descolados* do momento em que são disponibilizados e utilizados.

As análises propostas neste artigo consideram que o fator determinante para equacionar reflexões relacionadas ao uso de tecnologias deve ser a noção de cultura: defende-se que via o conceito de cultura o risco de determinismo tecnológico é minimizado e, por extensão, também o risco de incorrer em análises anacrônicas. O trabalho utiliza uma propaganda de televisão conectada<sup>1</sup> divulgada no Brasil no ano de 2012 como objeto empírico para demonstrar uma situação que caracteriza um exem-

---

<sup>1</sup> *Televisão conectada* é um tipo de aparelho televisor que possibilita conexão entre a TV e a Internet, e também entre a TV e outros dispositivos tecnológicos.

plo do que poderia ser classificado como um duplo determinismo tecnológico. Trata-se do comercial do aparelho de TV Panasonic da linha SmartViera (SMARTVIERA, 2013). Para *transpor* para este artigo a propaganda analisada, foram selecionados quatro *frames*, apresentados nas Figuras 1, 2, 3 e 4 (em dois grupos principais). O primeiro grupo (composto pelas Figuras 1 e 2) apresenta cenários em que os membros de uma família nuclear seriam alvo de um afastamento pessoal motivado pelo uso de tecnologias (no caso, dispositivos móveis de uso pessoal). O segundo grupo (relativo às Figuras 3 e 4) sugere a tecnologia como responsável pela reunião familiar.



**Figuras 1 e 2** – Afastamento pessoal *motivado* pelo uso de tecnologias  
Fonte – SMARTVIERA, 2013.



**Figuras 3 e 4** – Afastamento familiar *motivado* pelo uso de tecnologias  
Fonte – SMARTVIERA, 2013.

Ainda que apenas a imagem dos *frames* e os dois grupos sugeridos possibilitem ao leitor compreender o contexto geral e a ideia central da propaganda, o texto que é narrado pelo jogador de futebol Neymar – ídolo do Santos Futebol Clube quando a propaganda foi veiculada – reforça o papel da tecnologia como responsável pelo cenário apresentado na peça publicitária (foram adicionadas referências às figuras selecionadas ao longo da transcrição do texto narrado, para que o leitor *sincronize* mentalmente o conteúdo textual narrado à imagem apresentada no momento correspondente):

Já parou para pensar que às vezes mesmo com todo mundo em casa parece que a gente tá [sic] sozinho? [Figura 1] Repense. Linha 2012 com SmarTViera [Figura 2]: seu *smartphone* vira [atua como] um controle remoto [Figura 3] e passa filmes e fotos para a TV. Totalmente interativa; e ainda ajuda o planeta. Reúna a família novamente [Figura 4]: repense sua TV (SMARTVIERA, 2013).

A *sincronização* mental auxilia na compreensão do duplo determinismo tecnológico citado: inicialmente é sugerido que, no momento em que a peça foi veiculada (meados do ano de 2012), as famílias nucleares (em formato pai, mãe e um casal de filhos em idade escolar) teriam seus membros isolados em função do uso de dispositivos móveis individuais (o jovem e seu *player* musical, a mãe e seu *notebook*, a jovem e seu *tablet*, o pai e seu aparelho celular *smartphone* – Figura 1). Esse contexto caracteriza o que se considera como estabelecendo o primeiro determinismo tecnológico proporcionado pela propaganda, no sentido em que o aparato manuseado por cada membro da família, por si só, seria o responsável por seu afastamento em relação aos outros familiares (proporcionando isolamento individual, apesar de dividirem o mesmo ambiente físico).

A partir do uso do novo aparelho de televisão (a TV conectada) haveria o rompimento, uma a uma, das *bolhas* nas quais cada membro da família estaria confinado (Figura 2) em função da possibilidade de compartilhar, via o monitor do televisor, conteúdos que antes eram acessados de modo individualizado nos dispositivos móveis de cada membro da família; dispositivos para uso individuais esses que seriam, inclusive, o meio para o controle e compartilhamento dos conteúdos via TV conectada (no caso, através do aparelho *smartphone* do pai, conforme apresentado na Figura 3). Caracteriza-se, então, o que se considera o segundo determinismo tecnológico da propaganda: a tecnologia, *per se*, *se redime*, possibilitando a reunião das pessoas da família para assistir televisão (Figura 4) e reestabelecendo o papel de agente aglutinador associado à TV desde as primeiras transmissões.

Neste artigo procura-se evidenciar o nível de simplificações que pode ser associado a situações de determinismo tecnológico, quando são omitidos aspectos de ordem cultural, econômica e social. Esse tipo de omissão pode comprometer (tornando redutoras) as análises relacionadas ao oferecimento de novas tecnologias. O presente trabalho é organizado em duas seções, além desta *Introdução* e das *Considerações Finais*. Em *A sala de estar e a família reunida* o conceito de cultura utilizado é apresentado e o cenário abordado na propaganda é analisado (utilizando perspectiva crítica) como relacionado diretamente a duas características centrais da contemporaneidade: a busca por liberdades individuais e a noção de moda da nostalgia. A seção *Da emergência de uma nova sala de estar* apresenta as redes sociais, os dispositivos móveis e a Internet (abordados em um

contexto cultural) como associados à definição potencial de uma nova sala de estar, que teria seus limites expandidos para além dos domínios das residências.

## 2 – A SALA DE ESTAR E A FAMÍLIA REUNIDA

Diferente do que sugere a propaganda comercial apresentada, neste artigo se defende que não são as tecnologias *per se* que proporcionam o afastamento ou podem facilitar a reaproximação pessoal, por se considerar que os aparatos tecnológicos não devem ser abordados de forma *descolada* dos contextos históricos e social nos quais os dispositivos são utilizados. Para que seja possível contextualizar os dispositivos, englobando o cenário histórico e social, sugere-se o uso da noção de cultura como um conceito chave nas reflexões; particularmente a definição de cultura como “significados comuns, produto de todo um povo [...] [Significados esses que] se constituem na vida, são feitos e refeitos” (WILLIAMS, 1989, p. 8). Ora, ocorre que se a cultura é constituída *na duração* (ao longo da vida) ela tende a trazer em si o contexto social a partir do qual é estabelecida (feita e refeita). Ainda, por ser *feita e refeita* – também *na duração* –, a cultura acompanha as mudanças sociais (inclusive aquelas relacionadas a tecnologias). Considera-se então como premissa que as análises necessitam ser realizadas culturalmente para que os fenômenos do afastamento e aproximação sugeridos na propaganda sejam compreendidos e possam ser abordados de modo complexo, além do determinismo.

Se as análises em perspectiva cultural tendem a ser associadas ao momento histórico em que são estabelecidos os significados culturais em relação aos aparatos tecnológicos, é interessante iniciar as reflexões apresentando características do período histórico contemporâneo (referenciado a partir deste ponto no presente artigo como pós-modernidade) que possibilitam compreender o enclausuramento individual (Figura 1) de modo complexo, considerando a tecnologia importante, mas não necessariamente a determinante independente deste cenário social.

A primeira dessas características é a liberdade individual, em função da qual o isolamento seria, em certa medida, voluntário (ainda que não necessariamente haja percepção, planejamento ou mesmo consciência disso) porque ele ocorreria exatamente durante a busca por alcançar o “direito à individualidade” (BAUMAN, 1998, p. 48), em uma tentativa de “se despojar de toda interferência coletiva no destino individual” (BAUMAN, 1998, p. 26). Considerando essa liberdade e individualização, Zygmunt Bauman realiza uma comparação com aquela que ele define como sendo a situação típica de um turista: trata-se de uma metáfora particularmente interessante no caso deste artigo por conta da possibilidade de relação (inclusive de ordem visual) que pode ser

estabelecida com os *frames* selecionados da propaganda. Ocorre que a individualização, no caso do turista, estaria associada ao fato de ele não pertencer ao lugar visitado – fazendo com que ele esteja, enquanto pratica turismo, “dentro e fora do lugar ao mesmo tempo” (1998, p. 114): por ele estar no lugar, mas não ser do lugar (não pertencer ao lugar). Cada turista estaria “trancado numa bolha de osmose firmemente controlada [...]. Dentro da bola o turista pode sentir-se seguro” (BAUMAN, 1998, p. 114). A propaganda sugeriria, nessa perspectiva, que o uso das tecnologias móveis estabeleceria – antes do uso da TV conectada – uma espécie de turistas familiares domésticos, pois os indivíduos estariam, simultaneamente, *dentro e fora* da sala de estar: seriam *estrangeiros* em suas próprias casas.

Aprofundando pouco mais a análise, o *frame* inicial apresentado (Figura 1) pode ser associado a um anacronismo, em função da perda de referência entre o aspecto da liberdade individual da pós-modernidade e o caráter de consumo do período. Ocorre que os aparatos tecnológicos possuem papel central: para exercer a liberdade *mais plenamente* os indivíduos *necessitam* de dispositivos tecnológicos *pessoais*, e desconsiderar o fato da proliferação de dispositivos tecnológicos para uso pessoal constitui remover o momento histórico do cenário analisado. Também não se deve abstrair o fato que os aparatos tecnológicos de uso individual constituem tipicamente um sonho de consumo do ator social pós-moderno. O isolamento pode ser pensado então como efeito da liberdade individual mencionada anteriormente, vinculado à materialização de um sonho de consumo.

Em relação à remoção do momento histórico, é importante destacar que a própria demarcação do tempo e o estabelecimento de referências históricas tem complexidade aumentada na pós-modernidade, particularmente quando observado que o “ritmo cada vez mais rápido de mudanças” (JAMESON, 1993, p. 25) proporciona a sensação que se vive “num presente perpétuo e numa perpétua mudança” (JAMESON, 1993, p. 43). Estas sensações de *perpétuos presente e mudança* são chave para as análises em perspectiva cultural: a perda da referência do passado (em função da aceleração e mudança que proporcionam passados frequentes, sempre mais recentes) e a constante *chegada* do futuro (em função da contínua disponibilização de novos aparatos tecnológicos que *eram, até há pouco tempo, ficção* – mas que, em breve, serão substituídos por outros, ainda mais atuais) parecem *estender* o presente. A complexidade na demarcação do tempo é associada ao fato que esse cenário proporciona eventualmente a sensação que o mesmo presente parece estar sendo também comprimido entre um passado e um futuro que se tornam mais próximos a cada dia: em oposição à prolongação/dilatação do presente, há também uma sensação de compressão do presente. O ator pós-moderno vive, assim,

uma espécie de perda de referências entre passado, presente e futuro; resta então, ao indivíduo, procurar por alternativas para que possa se orientar. Essa busca por uma orientação temporal é equacionada analiticamente através de outro conceito que pode ser apresentado e analisado a partir da propaganda apresentada no artigo: a *re-união* familiar sugerida remete à noção nomeada “moda da nostalgia” (JAMESON, 1993, p. 31). Trata-se de conceito segundo o qual seria possível – particularmente no caso dos indivíduos adultos – “satisfazer um desejo mais profundo e mais propriamente nostálgico de retornar àquele antigo período e vivenciar novamente seus estranhos e antigos artefatos estéticos” (JAMESON, 1993, p. 31). No caso, o período quando a família se reunia na sala de estar para assistir TV.

A *moda da nostalgia* se estabelece ao acoplar o *estranho e antigo artefato* (que é a TV) a um novo dispositivo (o *smartphone*), habilitando um suposto retorno da família reunida. A propaganda sugere então a necessidade de um *reestabelecimento da ordem* que não apenas remete a determinismo tecnológico como é, novamente, anacrônico, uma vez que reunir a família presencialmente na sala de estar para assistir TV não constitui necessariamente o padrão cultural vigente em meados da segunda década dos anos 2000 – ao menos o fenômeno não é mais observado como nas primeiras décadas da televisão no Brasil; o próprio modelo da família nuclear vem sendo adaptado. Inclusive porque a complexidade do período contemporâneo (envolvendo – por exemplo – os congestionamentos de tráfego nos grandes centros urbanos ou a definição de jornadas de trabalho em horários alternativos para sincronização dos relógios entre países com fusos horários distintos para que seja possível trabalhar com *pares globalizados*) dificulta essa reunião em um mesmo ambiente. Ocorre que é possível enumerar fatores que potencialmente dificultam a disponibilidade do indivíduo para estar defronte a TV na sala de estar para assistir televisão no horário em que o conteúdo é veiculado pela emissora em formato *broadcasting* e em conjunto com seus familiares.

Mas é fato que os indivíduos contemporâneos não deixaram simplesmente de se reunir. De fato, reuniões (inclusive para assistir TV) continuam ocorrendo, e eventualmente podem ser proporcionados *encontros* entre indivíduos geograficamente distantes ou mesmo não simultaneamente, conforme abordado em seguida.

### 3 – DA EMERGÊNCIA DE UMA NOVA SALA DE ESTAR

Nessa seção as reflexões são conduzidas no sentido de argumentar que as apropriações culturais estabelecidas em relação aos artefatos tecnológicos podem proporcionar aproximação pessoal – sempre observando que a própria noção de proximidade deve levar em consideração as características culturais do período analisado.



Assim, os dispositivos móveis que são apresentados inicialmente na propaganda como proporcionando afastamento podem, eles próprios, ao inserir o momento histórico, ser analisados como associados à aproximação pessoal. E vale observar que essa afirmação pode ainda ser associada a outra, que dá conta que o “outro lado da moeda da *proximidade virtual* [seria] [...] a *distância virtual*” (BAUMAN, 2003, p. 81): de fato, é razoável considerar que em função da complexidade da vida contemporânea, o uso de aparatos tecnológicos pode viabilizar reuniões. Particularmente entre indivíduos distantes geograficamente, mas também entre pessoas que, embora próximas, tenham dificuldades em estabelecer contato presencial ou – para retornar ao contexto da propaganda analisada – estabelecer contatos virtuais mesmo entre pessoas que compartilham o mesmo ambiente físico no mesmo momento. Em todos esses casos, a proximidade precisa ser analisada considerando o momento cultural vivido; ao considerar os dispositivos móveis, por exemplo, há que se avaliar, *na duração*, o nível de afastamento que eles vão (e se vão) efetivamente proporcionar – e essa análise não pode ser realizada de forma apressada. Uma alternativa para compreender a afirmação é recorrer a um exemplo de uso de novas tecnologias do passado: é razoável supor que alguma sensação de *distanciamento pessoal* deva ter sido observada por volta do século V a.C., quando da invenção e disponibilização da tecnologia da escrita na Grécia Clássica (MARQUIONI, 2012, p. 156-160). Particularmente porque as reduções da audiência nas seções públicas de poesia épica, que ocorriam para que instruções e normas sociais fossem decoradas pelos cidadãos (e a escrita reduziu a necessidade de manter na memória pessoal essas instruções) (HAVELOCK, 1994, p. 124-125) (ONG, 1988, p. 31) pois poderiam ser lidas (acessadas) a qualquer momento e em qualquer lugar (como, por exemplo, no interior das residências) – devem ter propiciado a quem notava essa redução de público nas seções orais a sensação de que a tecnologia da escrita estaria promovendo afastamento das pessoas de seu convívio social. Foram necessários séculos de uso da tecnologia para se constatar que não era o caso.

Retornando ao século XXI (e ao distanciamento sugerido em relação aos dispositivos móveis), quando consideradas as redes sociais como locais de encontro, é possível afirmar que em um *ambiente social virtual* tanto os indivíduos que estão próximos fisicamente, quanto aqueles que não estão em situação de contiguidade física, podem estar em contato (eventualmente visual). Mas vale a ressalva que não se afirma aqui que os softwares do tipo rede social, *per se*, realizam aproximação pessoal: o cenário é mais complexo. Inclusive porque existem as chamadas “‘comunidades de *ocasião*’, [...] autoconstruídas em torno de eventos, ídolos, pânicos ou modas” (BAUMAN, 2003, p.

51) que proliferaram no ambiente da Internet<sup>2</sup>. De fato, considera-se neste artigo que esse tipo de associação tem desde sua origem uma característica fugaz associada à aceleração da pós-modernidade abordada na seção anterior: os participantes dessas comunidades parecem pertencer “à conversa, mas não àquilo sobre o que se conversa” (BAUMAN, 2003, p. 52). E para haver aproximação entende-se como premissa neste trabalho ser necessário haver uma sensação de pertencimento que é alcançada culturalmente (e desenvolvida em seguida).

Retomando e expandindo definição apresentada na seção anterior, ao considerar cultura como “significados comuns, produto de todo um povo” (WILLIAMS, 1989, p. 8) possibilita-se que sejam estabelecidas “relações entre desenvolvimento humano geral e um modo específico de vida” (WILLIAMS, 2007, p. 122). Em função de a cultura ser associada ao produto de um povo e a um modo de vida, culturalmente os indivíduos tendem a estar frequentemente à procura de um enquadramento, de uma classificação cultural à qual *filiar-se* (para pertencer a um grupo). O próprio desejo de consumo dos dispositivos tecnológicos pode ser relacionado a essa busca por pertencer a um grupo<sup>3</sup>.

No caso do Brasil, uma das formas de pertencimento cultural é materializada indubitavelmente através do ato de assistir televisão. Mais especificamente, a assistir uma TV comum (no limite, ao ato de *assistir TV com* outras pessoas: trata-se, evidentemente, do objetivo final apresentado na propaganda do aparelho televisor SmarTViera).

O ato cultural de assistir a uma TV comum remete à noção de convenção, que por sua vez engloba tanto o “*consentimento tácito quanto os padrões aceitos*” (WILLIAMS, 1971, p. 13) e estabelece o que podem ser considerados *acordos* definidos entre os participantes de um ato comunicacional. Destaque-se, contudo, que esses *acordos*, vinculados a aspectos tácitos e relativos a uma parte inconsciente da cultura podem não ser – tal como as “*estruturas de sentimentos*”<sup>4</sup> relacionadas – claramente e formalmente percebidos: são simplesmente vividos, experimentados (MARQUIONI, 2012, p. 58). Estabelece-se, assim, culturalmente – ao assistir TV –, uma experiência compartilhada, que gera

---

2 Como exemplos podem ser citados os casos das comunidades criadas na Internet para acompanhar programas de telerealidade, mas que encerram com o término do programa (JENKINS, 2008, p. 54-92). Em função do vínculo cultural limitado – conforme desenvolvido em seguida –, considera-se que nesse tipo de comunidade “a união só se mantém na medida em que sintonizamos, conversamos, enviamos mensagens” (BAUMAN, 2003, p. 52).

3 Um exemplo – para permanecer no âmbito de novos dispositivos tecnológicos – envolve as comunidades que se formam entre proprietários de aparatos fornecidos por alguns fabricantes de hardware. No momento em que esse artigo é escrito, esse fenômeno pode ser observado especialmente em relação a produtos da marca de equipamentos Apple: alguns usuários dos produtos desse fabricante costumam inclusive fixar adesivos em seus veículos para demonstrar sua preferência pela marca (e pertencimento a um grupo de usuários).

4 As “*estruturas de sentimentos*” constituem uma noção chave desenvolvida ao longo da produção científica de Raymond Williams, e correspondem à cultura de um período. Uma explicação geral do conceito (com as referências correspondentes às obras do pesquisador inglês para aprofundamento teórico) pode ser consultada na tese de doutorado do autor do artigo – cotada nas referências bibliográficas –, particularmente no trecho entre as páginas 57 e 73.

uma espécie de comunhão, um padrão cultural geral. Tacitamente definido. E que não necessita ocorrer, necessariamente, no mesmo ambiente ou no mesmo horário.

Ou seja, o ato de assistir TV constitui um fenômeno cultural e que, por ser associado a *todo um povo*, tem relacionado ainda um aspecto de pertencimento a um grupo que se materializa através do compartilhamento do conteúdo veiculado na TV (ou por *assistir TV com*, em conjunto – mesmo que não simultaneamente). É possível afirmar utilizando uma perspectiva cultural de análise que a *família* contemporânea (pós-moderna), de fato, pode ultrapassar os limites domésticos, e tipicamente sua composição vai além da *antiga* família nuclear cujos membros conviviam em uma mesma (única) residência e em um cômodo específico (a sala de estar). Também, mais do que simplesmente compartilhar “filmes e fotos” (SMARTVIERA, 2013) de modo interativo na TV, de fato a *reunião* merece ser analisada enquanto associada ao compartilhamento de um conteúdo cultural. Em outros termos, enquanto na perspectiva da propaganda a comunhão é relativa ao aspecto doméstico (a localização espacial), para este artigo, culturalmente, ela é mais ampla e engloba a comunidade que compartilha o conteúdo televisual: “o espectador pertence a uma comunidade de espectadores que se identifica com certos valores culturais” (VILCHES, 2003, p. 120). Culturalmente, não são as tecnologias que provocam a individualização física ou a dispersão da família (ou, ainda, um desaparecimento da sala de estar – ou da reunião das pessoas na sala de estar para assistir TV). O contexto que leva ao fenômeno vai muito além dos dispositivos tecnológicos. Ainda seria simplificador afirmar que os dispositivos móveis contribuem para eliminar a convenção de assistir TV em conjunto: ao “tratar comunicação como experiência compartilhada, minimiza-se o fato de o conteúdo assistido ser gravado, estar disponível no celular ou no televisor, na sala de estar, no quarto ou na cozinha. Ou na Internet” (MARQUIONI, 2012, p. 111). Na pós-modernidade, a experiência compartilhada não necessita ser física, simultânea ou através do mesmo dispositivo (como sugere a propaganda): culturalmente pode-se estar “*junto* (mesmo que em horários, suportes ou lugares diferentes)” (MARQUIONI, 2012, p. 111).

Ainda, a miniaturização dos dispositivos e a mobilidade habilitada com a possibilidade de assistir TV no celular (ou em horários alternativos utilizando os *sites* das emissoras ou *sites* de compartilhamento de vídeo na Internet) em certa medida podem ser apontados – associados às redes sociais – como estabelecendo a emergência de *uma nova sala de estar*: “as redes sociais mudaram a experiência de ver televisão [...] 43% [dos espectadores] já usaram as mídias sociais para recomendar um programa a outra pessoa” (MOTOROLA, 2012). O ambiente doméstico/familiar pode ser (e tem sido) ampliado, expandido via uma co-presença virtual – que tem ainda como possibilidade não

ser, necessariamente, simultânea.

Considera-se então que o compartilhamento cultural e a sensação de pertencimento se dão pelo compartilhamento dos conteúdos (independente da plataforma através da qual esse conteúdo é acessado, da presença física ou do acesso simultâneo) e o sentimento de comunhão permanece (apenas migra entre plataformas). Finalmente, há que se destacar que “comunicação é o processo de tornar compartilhada a experiência individual. [...] Uma vez que a nossa maneira de ver as coisas é, literalmente, nosso modo de viver, o processo de comunicação é, de fato, o processo de comunidade” (WILLIAMS, 2001, p. 55).

Para encerrar a seção é relevante reforçar que a miniaturização dos dispositivos, a captação do sinal de TV em dispositivos móveis e a Internet (com as redes sociais) não devem ser consideradas, *per se*, responsáveis por viabilizar a expansão da sala de estar sugerida. Inclusive porque não há evidências que possibilitem afirmar que quando os dispositivos foram criados essas formas de uso foram consideradas. De fato, a expansão da sala de estar pode ser relacionada aos fatores de complexificação da vida contemporânea apresentados anteriormente e associada ainda a aspectos de ordem econômica (o aumento do poder aquisitivo da população brasileira – que tem possibilitado a compra dos equipamentos – é obviamente relevante: o contexto seria outro se as tecnologias existissem, a possibilidade de transmissão existisse, a Web e as redes sociais existissem, mas o público não tivesse acesso aos dispositivos por não conseguir adquirí-los).

#### 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atribuir às tecnologias a responsabilidade pelo afastamento ou aproximação das pessoas na contemporaneidade definitivamente constitui uma simplificação. De fato, é necessário observar que as tecnologias mudaram e novas versões dos dispositivos são fornecidas em uma base quase diária. Mas as famílias e as formas de relacionamento também mudaram, e a sociedade de forma geral está significativamente diferente dos tempos quando era possível a reunião dos membros de uma família na sala de estar de suas residências em um horário definido para acompanharem, juntos, à grade de programação veiculada pelas emissoras. Ou para verem, coletivamente, um álbum de fotografias ou registros realizados em vídeo compartilhando um mesmo ambiente físico.

A complexidade da contemporaneidade e a reconfiguração da estrutura familiar requerem que formas alternativas de reunião ocorram. As formas de convívio (e a própria noção de ambiente doméstico) estão em adaptação; a sociedade tem equacio-

nado essa adaptação, utilizando os artefatos tecnológicos individuais em conjunto com outras tecnologias que possibilitam organizar encontros e *gerenciar convívios* – ainda que não presencial ou simultâneo (via dispositivos que se conectam com a Internet e possibilitam acesso e convívio em ambientes sociais virtuais) – como alternativas que podem reduzir o afastamento associado à distância geográfica ou à complexidade da vida contemporânea.

Vale ressaltar que ao analisar o contexto apresentado na propaganda em perspectiva cultural, não apenas o risco de anacronismo é reduzido como é possível utilizar os mesmos dispositivos que potencialmente provocariam afastamento dos indivíduos para viabilizar sua aproximação: definitivamente, analisar novos dispositivos tecnológicos ultrapassa a disponibilidade e a tecnologia *per se*. Afinal de contas, os usos culturais dos aparatos podem ser (e efetivamente são) revistos/redefinidos *na duração*. Reforce-se, ainda, que a abordagem em perspectiva cultural sugerida pode ser aplicada em relação a outras tecnologias (além do caso da TV e dos dispositivos móveis que podem ser *conectados* a ela).

O fato é que ao invés de se pensar no fim da família reunida para assistir TV, ver fotos ou filmes a partir da disponibilização dos dispositivos móveis, parece mais razoável analisar a emergência de uma sala de estar expandida para além dos limites domésticos (que possibilita novas formas de convívio), na qual *se reuniriam* pessoas que podem estar fisicamente em locais distantes, que *se reuniriam* virtualmente em horários distintos ou que, mesmo que compartilhando o mesmo ambiente físico, efetivamente compartilham uma materialidade cultural que proporciona comunhão.

Para pensar essa expansão da sala de estar à noção de cultura é particularmente relevante, especialmente para que seja possível avançar no entendimento dos usos e complexificar as análises relacionadas a mudanças na sociedade associadas a (mas não determinadas pelas) novas tecnologias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade.**

Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido:** sobre a fragilidade dos laços

humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

HAVELOCK, Erick A. **A revolução da escrita na Grécia e suas consequências**

**culturais.** São Paulo: Editora UNESP/Paz e Terra, [1982] 1994.

JAMESON, Fredric. O pós-modernismo e a sociedade de consumo. In: KAPLAN, E. Ann (org.). **O mal-estar no pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

MARQUIONI, Carlos Eduardo. **TV digital interativa brasileira: redefinições culturais e inter-ações midiáticas em tempos de migração tecnológica**. 2012. 282f. Tese (Doutorado em Comunicação e Linguagens) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2012.

MOTOROLA. **34% dos brasileiros assistem TV móvel, estima Motorola Mobility**. Disponível em: <<http://www.telaviva.com.br/13/02/2012/34-dos-brasileiros-assistem-tv-movel-estima-motorola-mobility/tl/262418/news.aspx>>. Acesso em: 07 jul. 2012.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papyrus, [1982] 1998.

SMARTVIERA. **[re]juna a família novamente**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=weAAiP7Gw5I>>. Acesso em: 06 jan. 2013.

VILCHES, Lorenzo. **A migração digital**. São Paulo/Rio de Janeiro: Edições Loyola/Editora PUC Rio, 2003.

WILLIAMS, Raymond. **Drama from Ibsen to Brecht**. Londres: Chatto & Windus, [1952, 1968] 1971.

WILLIAMS, Raymond. **Towards 2000**. Londres: The Hogarth Press, 1983.

WILLIAMS, Raymond. Culture is ordinary [1958]. In: **Resources of Hope: Culture, Democracy, Socialism**. p. 3-18. Londres: Verso, 1989.

WILLIAMS, Raymond. **The long revolution**. Peterborough: Broadview Press Ltd., [1961] 2001.

WILLIAMS, Raymond. **Television: Technology and Cultural Form**. Padstow: Routledge Classics, [1974] 2005.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. São Paulo: Boitempo Editorial, [1976] 2007.